



## O ESPÓLIO DE JOÃO MIGUEL DOS SANTOS SIMÕES

SUSANA VARELA FLOR

*«O Centro de Estudos de Azulejaria seria o fiel depositário e responsável pela Biblioteca do Museu do Azulejo, cujo núcleo inicial seria constituído pela Biblioteca especializada que o Snr Eng<sup>o</sup> João Miguel dos Santos Simões está na disposição de doar ao Museu do Azulejo».*

*João Miguel dos Santos Simões*

### BREVE HISTÓRIA DE UM ESPÓLIO

**É** com as palavras do Engenheiro João Miguel dos Santos Simões que iniciamos este artigo com o objectivo de apresentarmos o espólio documental doado pela família – Maria João dos Santos Simões Ferreira Real e Eng.<sup>o</sup> Fernando Ferreira Real –, em 2007. Dada a extensão do legado, optámos por analisar as várias unidades constituintes do espólio e por seleccionar temas que ilustrassem o seu percurso de investigação.

Ao longo de cerca de 30 anos, Santos Simões dedicou-se ao estudo da Azulejaria e da Cerâmica. Investigou em arquivos, bibliotecas, museus nacionais e estrangeiros. Em Portugal, conheceu o acervo azulejar de igrejas, de antiquários e de colecções particulares. Trocou correspondência com historiadores, directores de museus, eruditos e amigos conhecedores do seu gosto pelos azulejos. Toda esta informação foi registada, guardada e organizada, tendo chegado aos nossos dias em bom estado de conservação. Para tal,

muito contribuíram os herdeiros, conscienciosos do valor patrimonial em causa. Esse mesmo sentimento direccionou a família a cumprir a vontade de Santos Simões e a doar os documentos de uma vida dedicada à investigação, ao Museu Nacional do Azulejo. Assim, graças a esta iniciativa, o Museu tem à sua guarda o seguinte espólio: a Biblioteca, o Arquivo Documental, a Correspondência, os Ficheiros e, em breve, o Arquivo de Imagens.

### A BIBLIOTECA

Num pequeno texto, a que deu o título de «Tentativa de Ordenação e catalogação da minha Biblioteca», Santos Simões designou a Biblioteca como «a minha oficina intelectual». Neste sentido, considerava os livros como ferramentas que contêm muita matéria prima em si mesmos». Para além destas definições, o autor descreveu em pormenor os vários métodos de arrumação e catalogação adoptados. Dada a riqueza de informações prestadas, o texto merece uma leitura atenta.<sup>1</sup>

As obras doadas ao Museu, cerca de 520,<sup>2</sup> constituem um núcleo especializado nas áreas da Azulejaria e da Cerâmica, de que se destacam os estudos monográficos, catálogos

1 Cf. Museu Nacional do Azulejo, *Espólio João Miguel dos Santos Simões*, Dossiê n.º 71, «Tentativa de ordenação e catalogação da minha Biblioteca» (s/d).

2 A inventariação da Biblioteca de João Miguel dos Santos Simões foi realizada pelo Dr. Pedro Oliveira, técnico da Biblioteca do MNAz.

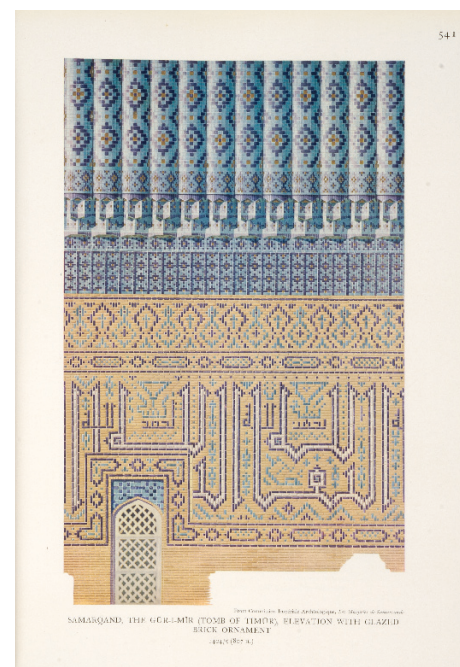
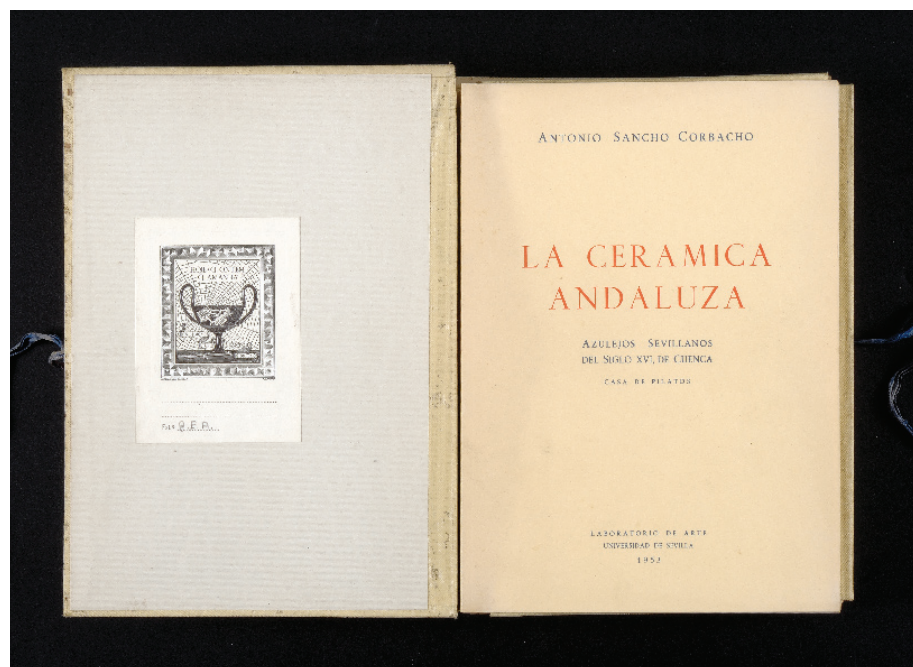


Ilustração da obra de Arthur Upham Pope  
*A survey of Persian art from pre-historic times to the present*, ed. Arthur Upham Pope, London, New York, Oxford University, 1938-1939.



de exposições, roteiros de museus, jornais, revistas e separatas. Alguns livros são de particular interesse como a obra em seis volumes, *A survey of Persian Art* ou a revista *Faenza*, reunida quase na totalidade. No interior de certas obras podem ainda encontrar-se cartas, convites e apontamentos que ajudam a reconstituir linhas de investigação encetadas pelo estudioso. Por fim, registre-se a existência de obras em inglês, francês, espanhol, holandês, italiano e alemão, pois Santos Simões dominava todos esses idiomas.

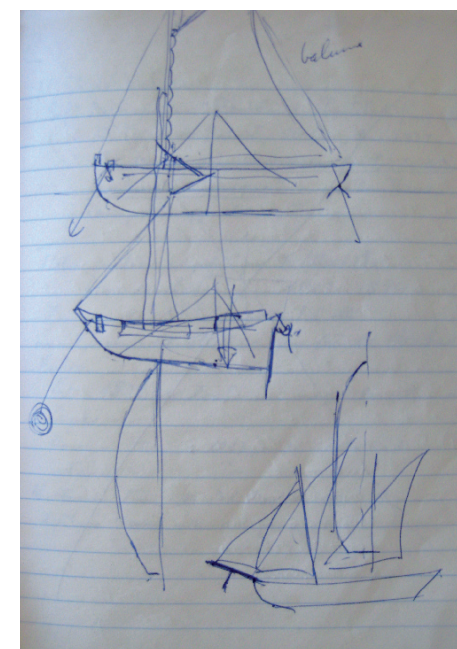
## O ARQUIVO DOCUMENTAL

O arquivo documental é constituído por cerca de 150 unidades do qual fazem parte dossiês, pastas e cadernos de apontamentos. Ao consultarmos este legado, encontrámos também uma diversidade de materiais, como sejam postais turísticos, roteiros de cidades e museus, convites, programas de colóquios, fotografias e desenhos de azulejos que constituem testemunhos interessantes das viagens efectuadas. Com o objectivo de dar a conhecer a natureza documental deste núcleo, decidimos analisá-lo através da selecção de dez temas que, pela sua importância e quantidade, se destacam do conjunto.

### AS VIAGENS

A documentação das viagens que Santos Simões realizou ao estrangeiro constitui um aspecto interessante de analisar. Por norma, eram deslocações com o intuito de apresentar estudos sobre a investigação de Azulejo. No entanto, os moínhos fizeram também parte integrante das suas pesquisas. Com efeito, existem, por exemplo, cadernos de apontamentos, referentes a viagens pela Holanda, onde Santos Simões, simultaneamente, registou a visita a Museus e a Moínhos, contactou com especialistas em Azulejo e com apaixonados pela *Molinologia*. As deslocações eram programadas ao pormenor com a indicação de dias a permanecer, locais de estadia, orçamentos e ajudas de custo.<sup>3</sup> No caso de viagens a Espanha, a programação incluía gastos com gasolina, média de quilómetros percorridos por dia e sítios onde pernoitar. Alguns cadernos incluem também mapas desenhados à mão sobre várias hipóteses de locais a visitar.

Em paralelo, detectamos informações relacionadas com a preparação de encontros de carácter científico. Para além de textos manuscritos com as comunicações a apresentar, deparamo-nos com memorandos para não esquecer de consultar livros em bibliotecas estrangeiras, visitar museus, contactar com especialistas, antiquários, editores, representantes de embaixadas, entre outros. A sua permanência nas várias metrópoles europeias corresponde a uma riqueza de informação que vale a pena exemplificar: na viagem que efectuou à Holanda, em 1952,<sup>4</sup> tirou notas sobre as cidades que fazem parte das vistas azulejares do Palácio Saldanha em Lisboa (Amesterdão, Roterdão, Midellburg), chegando mesmo a desenhar os monumentos que via. Na viagem que empreendeu a Marrocos,<sup>5</sup> estudou palavras árabes com o objectivo de perceber a evolução da etimologia azulejar. A viagem ao Brasil, no sentido de participar no Festival Luso-Brasileiro de 1968, foi aproveitada para fazer uma investigação sobre saveiros, os quais foram desenhados, em traços apressados, ao longo dos apontamentos que tirou.<sup>6</sup> Por diversas vezes, fez longos relatórios das viagens, narrando o percurso, os encontros e os suces-



Desenhos de saveiros, c. 1968, MNAz, EJMSS, caderno de apontamentos n.º 33.

<sup>3</sup> Cf. MNAz, EJMSS, Caderno n.º 8.

<sup>4</sup> Cf. MNAz, EJMSS, Caderno n.º 34.

<sup>5</sup> Cf. MNAz, EJMSS, Pasta n.º 86.

<sup>6</sup> Cf. MNAz, EJMSS, Caderno n.º 33.

sos obtidos. Exemplo disso é a viagem que realizou à Ilha de Hooge, na Alemanha, para uma reunião de especialistas em Azulejo, organizada pelo Instituto Histórico da Nordfrisia, na qual Santos Simões descreveu minuciosamente a sua partida de Lisboa, passagem pela cidade de Hamburgo e recepção calorosa em Hooge.<sup>7</sup>

#### CONGRESSOS

Ao longo da sua vida, o investigador esteve ligado à organização de vários congressos sobre a qual existe documentação no espólio.

Em 1949, realizou-se em Portugal o XVI Congresso Internacional de História de Arte. Santos Simões foi nomeado Secretário Adjunto da Comissão organizadora e, através de um relatório, sabemos ter-se deslocado, um ano antes, a Londres, para estudar os dossiês reunidos pelos ingleses aquando da organização do XV Congresso.<sup>8</sup> Nessa viagem visitou ainda a Holanda, a Bélgica e a França no sentido de encetar contactos com os membros do Comité Internacional de História da Arte e de combinar os principais pontos do congresso (número de participantes, deslocações e pagamentos). Desta forma, entre os inúmeros documentos, relativos ao dito evento, encontram-se o relatório da viagem, os apontamentos retirados da documentação do Congresso em Inglaterra, as listas de contactos dos membros do Comité, as circulares, a correspondência trocada, bem como o programa geral do Congresso realizado em Portugal.

Em Abril de 1969, Santos Simões participou numa reunião orientada pelo Instituto Histórico da Nordfrisia, onde apresentou uma comunicação sobre «New findings of Dutch Tiles in Portugal and Brasil». Deste encontro saiu a resolução de se preparar o Primeiro Simpósio Internacional de Estudos de Azulejaria. O local escolhido foi Portugal e a organização deste evento recaiu, de novo, na figura em destaque. No espólio, existem vários dossiês e caixas com toda a documentação necessária para o Simpósio que decorreu em Setembro de 1971.<sup>9</sup> Para além dos testemunhos relacionados com a organização do Simpósio e a estadia de participantes, inerentes a eventos deste tipo, há a acrescentar o material relativo à exposição «Cerâmica Decorativa Portuguesa Moderna» patente na Fundação Calouste Gulbenkian e para a qual foi necessário recolher, por exemplo, os *curricula vitae* de Ceramistas intervenientes na referida mostra. Para esta exposição foram sistematizados vários ficheiros de referências bibliográficas sobre Cerâmica, de contactos dos principais especialistas de Azulejaria e Cerâmica a nível internacional, dos comunicantes e artistas participantes no Simpósio. A par desta reunião de carácter científico e daquela exposição foi preparada uma semana pós-congresso de visita aos principais monumentos possuidores de conjuntos azulejares relevantes. A testemunhar



MNAz, EJMSS, caderno de apontamentos da viagem a Espanha, 1948.

estes factos, existe ainda material documental relacionado com o dito evento como sejam textos, visitas a igrejas, fotografias e correspondência de muitos dos participantes a louvar tal iniciativa.

#### CURSOS E PALESTRAS

A organização de cursos e palestras foi uma constante na vida profissional de Santos Simões. Desde 1936 que a Academia Nacional de Belas Artes estruturava as chamadas «Missões Estéticas de Férias» com o objectivo de proceder à educação estética dos alunos *através da paisagem, dos costumes portugueses e monumentos nacionais*.<sup>10</sup> A 25.ª e a 26.ª «Missão Estética de Férias» foram organizadas pelo investigador e decorreram respectivamente nas cidades de Leiria e Funchal. A documentação corresponde à organização dos eventos (programas das Missões, palestras, visitas de estudo, propostas de trabalho, listas de participantes) bem como à apresentação dos resultados obtidos pelos estagiários que aderiam ao curso (trabalhos e fotografias, textos de catálogo e palestras de conclusão das missões).

Em 1963, o Patriarcado de Lisboa criou a Comissão de Arte Sacra e o Engenheiro Santos Simões foi chamado para integrar a 5.ª sub-comissão, onde desempenhou funções de consultor na área das Actividades Formativas. Foi neste âmbito que preparou um «Curso de Formação Estética e Informação Artística do Clero», organizado em dois anos, onde se pode verificar as suas preocupações pioneiras com a formação de quem lida com bens culturais, a importância da inventariação do património artístico da igreja, bem como a aplicação dos conceitos de protecção e conservação dos mesmos.<sup>11</sup>

Entre Dezembro de 1967 e Fevereiro do ano seguinte, o estudioso apresentou na Fundação Calouste Gulbenkian dez palestras sobre Azulejaria com o objectivo de expor os primeiros resultados do trabalho desenvolvido pela Brigada de Estudos de Azulejaria e, mais tarde, o de publicar as palestras numa obra que teria o nome de «Manual de Azulejaria» para o qual existe informação.<sup>12</sup>

No espólio aparecem-nos, de forma dispersa, textos de inúmeras palestras proferidas em vários locais. Assim, por exemplo, para o Centro Juvenil da Freguesia de Santa Isabel apresentou comunicações sobre «Artes Plásticas»<sup>13</sup>. A Azulejaria constituiu temática constante, apresentando-a para o *Móbil Club de Lisboa*, para a Sede da Obra das Mães, para a Sociedade Histórica da Independência de Portugal, para a Associação dos Arqueólogos, entre outros. Além disso, detectamos textos de grande especificidade como, por exemplo, «Questions on Azulejo to be answered at the American Women's association» comprovativos da facilidade que possuía em dirigir-se e adaptar-se aos mais diversos públicos.<sup>14</sup>

7 Cf. MNAz, EJMSS, Pasta n.º 1, «Relatório da Reunião de estudiosos de Azulejos em Hallig Hooge», Alemanha, de 10 a 13 de Abril de 1969.

8 Cf. MNAz, EJMSS, n.º 150 «Relatório da viagem de Estudo da Organização do XVI Congresso Internacional de História de Arte a Inglaterra, Holanda, Bélgica e França em Novembro – Dezembro de 1948». Cf ainda os n.ºs 8 e 149.

9 Cf. MNAz, EJMSS, n.ºs 1, 78, 100, 101, 128, 129, 130.

10 Cf. MNAz, EJMSS, Dossiê n.º 75, *Catálogo da XXI Missão Estética de Férias*, Tomar, 1958. Cf. ainda os n.ºs 32 e 144.

11 Cf. MNAz, EJMSS, n.ºs 81 e 123.

12 Cf. MNAz, EJMSS, n.º 99 e 149.

13 Cf. MNAz, EJMSS, Dossiê n.º 141.

14 Cf. MNAz, EJMSS, n.ºs 141 e 142.

## EXPOSIÇÕES/ MUSEOLOGIA

A organização de exposições sobre Azulejaria fez também parte da actividade do investigador. Nos seus escritos guardam-se ainda os papéis referentes à «6.ª Exposição Temporária de Azulejos». Junto a provas de catálogos, associam-se textos do autor, correspondência, apontamentos de ideias que lhe foram surgindo para a exposição e desenhos de peças a incluir.<sup>15</sup>

As preocupações museológicas estiveram sempre presentes no trabalho desenvolvido por Santos Simões. Através da leitura de vários ensaios somos confrontados com o conceito de conservação, com a terminologia museográfica adoptada, com a forma como considerou que se devia proceder à montagem de azulejos e com os problemas suscitados da adaptação destas peças a novos espaços.<sup>16</sup> Para o Museu do Azulejo, desenvolveu boa parte destas ideias em textos, como sejam, «O Estudo de uma Ficha de ensaio para o Museu do Azulejo»; «O Museu do Azulejo da Madre-de-Deus» e ainda «A Azulejaria no Mosteiro da Madre-de-Deus».<sup>17</sup>

## ESTUDOS

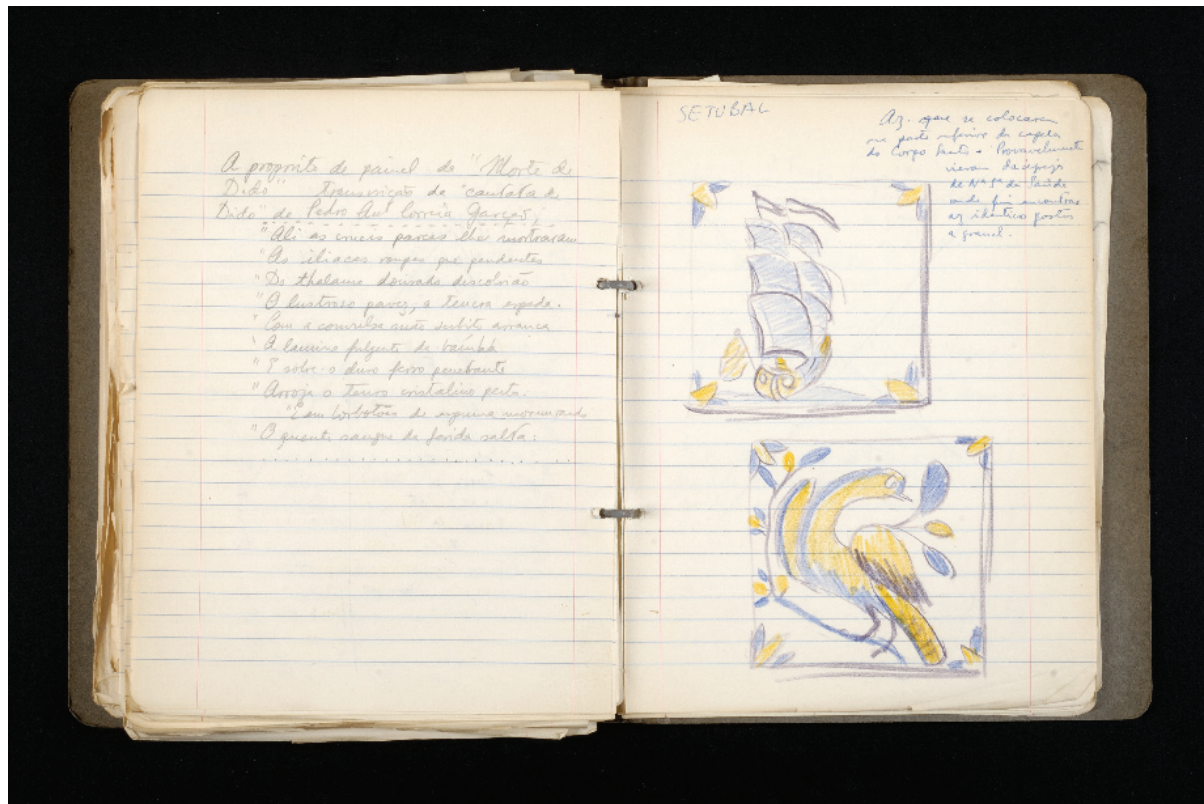
O núcleo documental de Santos Simões possui uma parte dedicada aos estudos que o investigador realizou. Alguns deles permanecem ainda inéditos e a futura publicação será um dos primeiros objectivos do Museu Nacional do Azulejo. Outros ensaios foram publicados e a investigação subjacente a tais trabalhos permanece organizada em pastas e dossiês de que iremos destacar alguns.

O dossiê n.º 79 possui um interessante levantamento bibliográfico sobre a viagem feita a Portugal por Cosme de Médicis – Príncipe herdeiro da Toscana. Santos Simões soube através do Centro de Estudos Históricos que os investigadores Angel Sanchez Rivero e Ángela Mariutti tinham publicado em 1933 o relato dessa jornada feita à Península Ibérica com as aguarelas de Pier Maria Baldi. Desta forma, surgiu a oportunidade de encetar novo estudo, em particular sobre a viagem feita pela comitiva italiana a Tomar. Além dos textos publicados em espanhol e da versão em italiano, a documentação apresenta mapas feitos à mão com o itinerário da viagem, lista de bibliografia sobre a viagem e sobre o Príncipe, bem como inúmeras fotografias das aguarelas de Baldi que, pacientemente, Santos Simões numerou, legendou e sobre as quais teceu comentários. Os azulejos holandeses do Palácio Saldanha em Lisboa foram objecto de grande interesse. A publicação da obra surge em 1949, mas as suas pesquisas remontam ao ano de 1944 quando visitou, pela primeira vez, o edifício e se interessou por aquela temática. Sucederam-se várias pesquisas em Inglaterra, Holanda e Bélgica. No dossiê «Azulejos Portuários Holandeses no Palácio Saldanha», encontramos a história e esquemas genealógicos

<sup>15</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, n.º 23 e 97.

<sup>16</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, Pasta n.º 125. Nesta pasta encontramos separatas sobre temas que Santos Simões teve oportunidade de publicar, como sejam: «Da montagem e apresentação Museológica de Azulejos», «As novas técnicas audiovisuais ao serviço dos Museus» e «Relatório sobre o problema da tomada de fotografias nos Museus».

<sup>17</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, n.ºs 82 e ainda os n.ºs 68, 75, 125, 127, 139, 140.



MNAz, *EJMSS*, caderno de apontamentos da viagem a Espanha, 1948.

da família Saldanha, fotografias das vistas com anotações dos monumentos e a correspondência trocada entre os vários especialistas a quem Santos Simões recorreu para decifrar tais vistas.<sup>18</sup> Este estudo acompanhou-o durante muito tempo, pois, mais tarde, em 1952, e em 1969, quando visitou a Holanda e a Alemanha respectivamente, voltou a fazer anotações relacionadas com as cidades representadas.<sup>19</sup>

Os azulejos do mosteiro lisboeta de São Vicente de Fora mereceram também a sua atenção. Em Outubro de 1958, realizou extenso levantamento do conjunto azulejar do mosteiro e, em 1961, quando visitou Paris, mais propriamente o Centre de Documentation Muséographique da Unesco investigou elencos de gravuras alusivas ao tema das *Fábulas* de La Fontaine.<sup>20</sup>

O grande painel de azulejo que representa a célebre «Vista Panorâmica de Lisboa», despertou sempre entusiasmo no investigador. O caderno n.º 5 contém um relatório elaborado em 1960 quando se transferiram os azulejos do Museu Nacional de Arte Antiga para o Museu do Azulejo e as primeiras impressões no momento em que as peças iam sendo retiradas das caixas.<sup>21</sup> À medida que Santos Simões foi visionando a cidade de Lisboa, procedeu ao registo de citações retiradas da olisipografia, ao esboço de esquemas de colocação e à descrição dos monumentos representados.

## A CRIAÇÃO DO MUSEU DO AZULEJO NO CONVENTO DA MADRE DE DEUS

A instalação do Museu do Azulejo no Convento da Madre de Deus foi um projecto que Santos Simões coordenou e acompanhou com sérias reflexões. Para a história da adaptação do edifício de freiras clarissas a unidade museológica, existe um conjunto de documentação manuscrita, na qual anotou deficiências, necessidades e medidas a tomar para que o Museu se tornasse realidade.<sup>22</sup> Para além dos problemas inerentes à instalação, pensou na musealização daquele espaço através de desenhos de plantas do edifício, organizando a exposição permanente e resgatando azulejos da destruição. Interessou-se ainda pela história passada e recente do Convento e foi o autor do primeiro roteiro do Museu do Azulejo.<sup>23</sup>

## A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO

A preservação do Património foi tema que sempre interessou a Santos Simões, cujo entendimento do conceito apontava para uma área mais vasta que não só a dos azulejos *per se*. Para além de inúmeros recortes de jornais com notícia de destruição de prédios antigos com azulejos para venda (que o autor reunia com a provável intenção de inspeccionar),

<sup>18</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, Dossiê n.º 83.

<sup>19</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, n.ºs 1 e 34.

<sup>20</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, n.ºs 67 e n.º 70.

<sup>21</sup> Cf. também João Miguel dos SANTOS SIMÕES, «Iconografia Olisiponense em Azulejos», *Olisipo*, separata publicada no Boletim do Grupo Amigos de Lisboa, n.º 95, ano XXIV, Lisboa, 1961, pp.11-12.

<sup>22</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, n.ºs 5, 29, 69, 82.

<sup>23</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, n.ºs 27, 29, 141 e 152.

deixou várias notas relacionadas com os instrumentos necessários para a salvaguarda do Património. É neste sentido que encontramos apontamentos sobre a «Protecção, Defesa e Conservação do Património Artístico Nacional» ou listas de vários monumentos nos Açores e na Madeira a necessitarem de urgentes intervenções, num texto designado «Nota Breve sobre alguns monumentos merecedores de protecção».<sup>24</sup> Por vezes, tornou-se mais interventivo como se pode verificar numa carta dirigida ao Dr. Azeredo Perdigão, a qual denunciava um possível desmembramento da colecção da Quinta dos Azulejos no Lumiar, dizendo «que é dever da minha consciência não calar» e apelando à Fundação, «única entidade que poderá, mais uma vez, dar o salutar exemplo de respeito e amor pelo património artístico deste paíz.»<sup>25</sup> Por fim, refira-se a existência de um memorando, sem data, onde sugeria a «criação de brigadas de inspectores que percorram o País, continente e ilhas para observar regularmente o estado de conservação e a integridade das obras de arte ...».<sup>26</sup>

#### A ARTICULAÇÃO COM O TURISMO

A articulação da História da Arte com a actividade turística e os benefícios que ambas as áreas podiam colher dessa ligação estiveram, desde muito cedo, presentes no pensamento de Santos Simões. Como testemunho, ficaram-nos alguns trabalhos neste domínio como sejam: «Reflexão sobre o horário dos Museus em articulação com o Turismo», «O Azulejo como factor de atracção Turística» e «Duas Lições sobre Azulejaria para o Curso de Guias de Arte»<sup>27</sup>. Numa dessas palestras, vocacionada para Guias-Intérpretes, deixava a seguinte sugestão: «Torna-se indispensável, portanto, que nos guias e publicações turísticas que virão reclamar os nossos atractivos de arte, o azulejo ocupe lugar de relevo, não apenas como mero acidente de «arte menor», mas como, pelo contrário uma das «artes maiores» de que nos podemos orgulhar.»<sup>28</sup>

#### A COMUNICAÇÃO

Na investigação feita ao legado documental surgiram várias notícias a testemunhar o contacto que Santos Simões teve com a RTP, na qualidade de consultor artístico, de especialista convidado e de apresentador de programas. Esta informação está patente na correspondência trocada, nos guiões de programa que aquela estação televisiva enviava, para o investigador responder antecipadamente, bem como nos convites endereçados no sentido de elaborar planificações de séries sobre azulejo. Desta forma, são vários os programas que conheceram o seu contributo: em 1958, escreveu o texto para a locução do documentário de Arte «Azulejos de Portugal»; em 1960, foi convidado

<sup>24</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, Dossiê N.º 75.

<sup>25</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, Caderno n.º 27.

<sup>26</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, N.ºs 13, 125, 146, 152.

<sup>27</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, n.ºs 13, 92, 140, 141 e 142.

<sup>28</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, n.ºs 127, 137, «O Azulejo como motivo de atracção turística», comunicação apresentada no I Congresso Internacional de Estudos Turísticos, 1964.



Moinho adquirido por Santos Simões na ilha de S. Miguel, aguarela de Duarte M. C. Tavares, 1963, colecção particular.

a participar num programa intitulado «Notícias de Artes Plásticas», sobre o qual possuímos o texto e respectivo alinhamento. Nove anos mais tarde foi convidado do Programa ZIP-ZIP, onde falou das últimas investigações e anunciou ao País que em 1971 se iria realizar o 1.º Simpósio Internacional de Azulejaria na cidade de Lisboa.<sup>29</sup>

Em Dezembro de 1971, pouco tempo antes de falecer, o Conselho de Programas da Rádio Televisão Portuguesa havia acordado convidar o Engenheiro Santos Simões para apresentar o programa *Arte Portuguesa – Arte Universal* reconhecendo «todas as suas faculdades de orador, dado ser pessoa que pela sua vasta cultura artística e facilidade de exposição pareceu oferecer as necessárias garantias de êxito».<sup>30</sup>

#### OS MÚLTIPLOS INTERESSES

Em concomitância com o estudo da Azulejaria, Santos Simões revelou sempre interesse por distintos temas que o conduziram a outras leituras, a diferentes investigações, a novos contactos e a surpreendentes reflexões. Neste domínio de múltiplos interesses surge-nos, por exemplo, o Cinema, a *Molinologia* e a *Nautologia*.

No que diz respeito ao primeiro, Santos Simões possuía alguns contactos com o mundo do cinema e foi, algumas vezes, solicitado a prestar aconselhamento sobre filmes em museus portugueses e colecções de azulejos. Num memorando, datado de Dezembro de 1966, narrou ter reunido em sua casa o realizador Miguel Spiegel e José Bernard Guedes Salgado com quem trocou informações sobre a hipótese de ser realizado um documentário relativo à pintura *O Panorama de Jerusalém*, pertencente às colecções do Museu do Azulejo.<sup>31</sup> Mais tarde, na mesma folha, escreveu que o projecto do filme não fora aceite pelo Fundo de Cinema. Não obstante, esse facto não impediu o estudioso de investigar sobre o assunto e, num dossiê, reunir informação técnica, histórica e fotográfica com o objectivo de se realizar um ensaio cinematográfico à pintura. Ele próprio concebeu a planificação cinegráfica do documentário, incluindo a escolha de música e os comentários históricos à obra que designou como «A Paixão segundo Simão Pedro – Cinescopia de um quadro antigo –». Também no Dossiê n.º 141 aparece-nos um novo projecto, embora desta vez aplicado aos azulejos: «A Ribeira de Lisboa – ideia para uma composição cinegráfica em 8mm». Segue-se a listagem dos azulejos a filmar e um texto de introdução: Lisboa nasceu à beira do Tejo e aqui se criou e cresceu... Só ultimamente porem os lisboetas se deram conta de que o Tejo era afinal a grande razão de ser e a grande realidade da sua metrópole...»

O estudo de Moinhos ou a *Molinogia* constituiu outra fonte inesgotável de interesse, responsável por várias viagens e até mesmo pela compra de um moinho nos Açores em 1963.<sup>32</sup> No espólio, os assuntos relativos a azulejos e a moinhos articulam-se com

<sup>29</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, n.ºs 102, 141 e 142.

<sup>30</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, Pasta n.º 144.

<sup>31</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, n.ºs 66 e 72.

<sup>32</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, n.ºs 11, 12, 13, 20, 26, 53, 80, 86, 142.

alguma facilidade e, exemplo do que foi referido, é o dossiê n.º 80, no qual se guarda toda a documentação relacionada com uma viagem que fez em 1964 à Holanda, onde proferiu comunicações subordinadas ao tema da Azulejaria e da *Molinologia*. Essa mesma viagem tem ainda outra particularidade: em Londres apresentou no *Lecture Theatre of the Science Museum* uma palestra sobre «Portuguese Windmills» e descobriu nas paredes dessa sala fotografias de alçados de Moinhos portugueses feitos, em 1840, por Simon Goodrich um inglês que tinha estado no nosso país. Este achado constituiu renovado interesse de pesquisa, do qual também possuímos material variado.<sup>33</sup> O gosto de Santos Simões pelos moinhos está, mais uma vez, relacionado com a preservação do património. Em Junho de 1971, deslocou-se a Bruxelas onde participou no Encontro «Europa Nostra» assistindo à discussão de temas tão variados como a poluição estética, a contribuição da juventude para a conservação do meio ambiente, o problema da cidade de Veneza, a exportação de obras de arte, etc. Através de um discurso preparado, pensa-se que terá falado à Assembleia, enquanto representante de uma pequena Associação de defesa de Moinhos, convidando os participantes a visitar Portugal e a conhecer este património à época tão desprotegido.

A Nautologia foi temática do seu gosto numa dupla vertente. Por um lado, o conhecimento dos barcos interessava-lhe, pois nos seus tempos livres dedicava-se ao modelismo. Existe uma listagem de embarcações onde Santos Simões estabeleceu uma distinção tipológica (baleeiros, cargueiros, iates de luxo, petroleiros, navios de excursões entre outros) com observações sobre a função de cada um e que terá servido para a produção dos seus pequenos barcos. Numa vertente menos lúdica, a *Nautologia* interessava-lhe para o estudos dos azulejos que representassem marinhas ou cenas navais.<sup>34</sup> Este foi um campo onde investiu muito do seu tempo com visitas a vários Museus Marítimos (Holanda e Espanha), pesquisa de elencos de gravuras e de pinturas de marinhas dispersas por colecções de pintura. Acresce ainda o facto de durante algum tempo ter prestado apoio ao Museu de Marinha e, por isso, localizámos papéis relacionados com a acta de reunião do Centro de Estudo de Marinha.<sup>35</sup>

## A CORRESPONDÊNCIA

O núcleo relacionado com a correspondência é de grande riqueza, não só pelas informações trocadas, como também pela lista de individualidades que comungaram com o investigador dos mesmos interesses. Inúmeros contactos podiam ser citados: a nível nacional, refiram-se as cartas de amigos próximos com quem trocava informações sobre arte: Jorge de Oliveira Marques, Jorge Moser e o arquitecto Fernando Távora. No meio de especialistas, existe correspondência com Aarão de Lacerda, Adriano de

<sup>33</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, Dossiê n.º 80.

<sup>34</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, n.ºs 9, 22, 26, 34, 36, 64, 67, 70 e 83.

<sup>35</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, Dossiê n.º 70.



*Whaling Ship Wanderer*, 1878, modelo de baleeiro montado por Santos Simões, colecção particular.

Gusmão, Carlos de Passos, Garcez Teixeira, Ernesto Soares, João Couto, Luís Reis-Santos, Mário Tavares Chicó, Rafael Salinas Calado, Reynaldo dos Santos, Rocha Madaíl, Túlio Espanca entre outros. A nível internacional, temos registos de ligações com o Brasil através de Carlos Ott, com Espanha, através de Sanchez Cantón e Francisco Vaca Morales, na Holanda, através de De Jonge, Van Merle e do amigo Van Ballen.

Na correspondência detectam-se, de igual modo, cartas trocadas entre Santos Simões e várias livrarias nacionais (Sá da Costa, Santos e Gouveia, Tipografia Comercial, Bertrand, Livraria Internacional), bem como editoras de prestigiadas revistas estrangeiras (*Burlington Magazine*, *Beaux-Arts*, *Faenza* entre outras) com o objectivo de publicar e divulgar as suas obras e colocar o tema dos Azulejos no panorama internacional.

## Os FICHEIROS

O modo organizativo da informação recolhida foi sempre objecto de reflexão por parte de Santos Simões. Estas preocupações foram passadas à escrita e, portanto, possuímos registos sobre a forma como uma ficha deveria estar organizada, que informações poderia conter e como deveria ser catalogada para rapidamente se ter acesso à informação. Os ficheiros que fazem parte do espólio contêm milhares de fichas divididas pelas mais diversas temáticas. Neles podemos encontrar elementos sobre a localização de azulejos, organizada por ordem alfabética; a tipologia azulejar; os azulejadores, oleiros e pintores activos em Portugal e no estrangeiro; e a bibliografia referente às áreas afectas à Azulejaria, Cerâmica e História de Arte. A este conjunto foram acrescentados pequenos contributos de eruditos que partilharam os resultados dos seus trabalhos com Santos Simões e a quem o autor penhoradamente agradecia. Referimo-nos, por exemplo, à «Lista de Registos em Lisboa» fornecida pelo Dr. Anastácio Gonçalves.<sup>36</sup> A par deste imenso ficheiro, sabemos ter produzido para a Fundação Calouste Gulbenkian um outro de grandes dimensões, comprovativo da imensa informação que reuniu ao longo das suas investigações científicas.

## O ARQUIVO DE IMAGENS

Embora este núcleo não tenha ainda dado entrada no Museu Nacional do Azulejo, pois será necessário proceder a rigorosa selecção do espólio, foi já efectuada prévia inventariação do material existente. As imagens como instrumento de trabalho levaram Santos Simões a recolhas sistemáticas, produzidas sob diversos suportes. Assim, existem fotografias em papel e em placa de vidro, slides e alguns filmes. A maior parte reproduz conjuntos azulejares, no entanto, existem imagens de outras expressões artísticas e das palestras e congressos em que interveio.

<sup>36</sup> Cf. MNAz, *EJMSS*, Dossiê n.º 116.

## A CONSERVAÇÃO DO ESPÓLIO

O espólio de Santos Simões deu entrada no Museu Nacional do Azulejo em Fevereiro de 2007 e a sua doação formal será feita a 17 de Julho deste mesmo ano. Entre os herdeiros e o Museu foi acordado que a documentação seria mantida na forma em que fora legada. Este facto exigiu uma abordagem cuidada e reflectida sobre a preservação do espólio e, para o efeito, foi de imediato solicitado parecer técnico ao Departamento de Documentos Gráficos do então Instituto Português de Conservação e Restauro sobre os procedimentos mais correctos de conservar e de acomodar o legado documental e bibliográfico. No presente momento, verifica-se cuidadosamente o estado de conservação global do espólio, com respectiva limpeza e pequenas intervenções de restauro. Em simultâneo, prepara-se a forma mais adequada de acondicionar todo o material na sala de reservados da Biblioteca. No final, deste delicado e demorado processo, o Museu Nacional do Azulejo estará receptivo a colaborar na investigação de estudiosos de Azulejaria e Cerâmica, sendo desejável que, seguindo os procedimentos da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, poder, no futuro, dar-lhe tratamento e divulgação informativa.

Assim, para terminarmos esta breve apresentação dos conteúdos patentes no legado de Santos Simões, voltemos às sábias palavras do autor dedicadas aos seus livros e à forma como os encarou na vida: «o meu processo intelectual limita-se à sua utilização e transformação para obter novas ferramentas que servirão aos outros.»